

PUENTES REYES, Pedro Alonso. *O Corpo como parâmetro antropológico na Bioética*. 2005. 195 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005.

César Augusto Soares da Costa¹

A Bioética chegou ao Brasil em meados da década de 90. Ainda assim, neste período o Conselho Federal de Medicina (CFM) lança o primeiro periódico na área. Após esta iniciativa se organiza um pensamento em torno do problema com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tal como a Sociedade Brasileira de Bioética (SBB). Hoje percebemos que a bioética compreende o estudo das dimensões morais das ciência da vida, utilizando uma variedade de metodologias éticas num contexto mais amplo, sendo uma temática que ganha aceitação em grande parte como uma tentativa de apresentar reflexões em torno de novos dilemas éticos que se apresentam ao mundo científico.

Aqui entra uma questão: como relacionar as grandes questões da vida à luz do debate teológico? Certamente, a brilhante Tese de Pedro Alonso encarna esta perspectiva. Pois o autor, procura em seu trabalho tratar de uma problemática específica da antropologia, particularmente relevante para a discussão bioética da atualidade. Para ele, o que despertou o seu interesse foi a observação de certa ambigüidade antropológica presente em discursos sobre pesquisas e novas tecnologias no âmbito da bioética. Assim, fala-se da busca de novos caminhos para a defesa e preservação da vida humana. Por outro lado, o corpo humano é distanciado da humanidade, para, finalmente, ser transformado num “objeto” de experimentação ou fonte de materiais de pesquisa, aponta Puentes Reyes.

O pesquisador, tomou como premissa que em todo discurso bioético está implícita uma noção de ser humano. Isto é, determinada antropologia antecede e fundamenta cada discurso e prática no campo da bioética. Constata-se ainda que as perspectivas antropológicas adotadas oscilam entre o dualismo e o monismo

¹ Mestre em Teologia Sistemática/PUCRS. Professor e Pesquisador na área de Antropologia e Bioética no Curso de Pós-Graduação em Bioética/CESUSC na cidade de Pelotas-RS.

fisicalista. Conseqüentemente, o corpo humano permanece prisioneiro das argumentações de ambas as perspectivas antropológicas, o que redundará em flagrante reducionismo. Ou seja, também que essa polaridade antropológica não é exclusividade das ciências biológicas. As ciências humanas, tais como a pedagogia (especificamente a educação física) e a psicologia, sugerem entender o ser humano como uma “totalidade”. Percebeu-se que a partir desta temática relativamente nova abrem-se, assim, possibilidades para uma nova compreensão do corpo humano. No entanto, a filosofia e teologia têm assinalado que essa perspectiva igualmente peca por reducionismo, reafirmando-se novas formas de dualismo.

No entanto, para Pedro Alonso surge um dilema. Por um lado, o dualismo cria certa distância entre o humano e o corpo. Por outro lado, o monismo acaba reduzindo a diversidade e complexidade humana. Diante disso cabe o questionamento do autor: será que a antropologia teológica só pode ser estruturada com referenciais dualistas ou monistas? Qual a organização antropológica que possibilita considerar o corpo como sendo a totalidade da pessoa? Quais seriam as implicações da vinculação entre corpo e totalidade?

Do mesmo modo, o autor inicia sua pesquisa entendendo que não é possível falar do ser humano sem se referir a seu ser e estar no corpo. Segundo o pesquisador, além disso, que só é possível compreender o ser humano se o entendemos como um ser corpóreo. Por isso o nosso ponto de partida de sua tese é que o ser humano é corpo. Nesta direção, o primeiro capítulo busca saber, em termos gerais e sucintos, qual o dado ao corpo nas reflexões antropológicas provenientes da filosofia e da teologia. A principal questão aqui é o significado e o valor atribuídos ao corpo. Qual a relação entre a humanidade e o corpo? No segundo capítulo busca subsídios para a definição do ser humano como corpo. Para tal feito, se faz o exercício de compreender o conceito *soma* em Paulo, a partir de vários intérpretes do seu pensamento. Em geral, todos coincidem na afirmação de que o termo *soma* se refere à totalidade do ser humano. Mas exatamente por isso surge uma pergunta de grande relevância: por que o humano está associado necessariamente ao corpo? Que existe no corpo para que ele seja capaz de representar o ser humano em sua humanidade? Em seguida seu terceiro capítulo tem a intenção de aprofundar e ampliar a definição de que o ser humano é corpo mediante possíveis desdobramentos dessa totalidade unitária entendida como

materialidade. Para alcançar tal fim, faz-se uma análise geral das reflexões sobre o corpo no pensamento do biólogo e neurocientista chileno Humberto Maturana. A *autopoiése* como a explicação do que seja um ser vivo caracteriza seus aportes. A seguir, estabelece-se um diálogo entre os aportes de Paulo e de Maturana, visando obter uma melhor compreensão desse ser humano que é corpo. Por fim, no quarto capítulo tenta chegar a conclusões. Como o propósito deste trabalho é evidenciar o corpo como parâmetro antropológico para a bioética, são feitas considerações sobre dois discursos bioéticos. A seguir, pergunta-se pela dignidade do ser humano em sua materialidade, para finalmente oferecer possíveis critérios para a bioética.

Em suma, o belo trabalho de Pedro Alonso retoma com originalidade uma tema que certamente será fruto para vãos posteriores, sobretudo, por provocar novos estudos a partir do significado transcendente e sua relação com o ser humano. Ou como o próprio autor bem assinalou: que observem seu trabalho, não para concordar ou rejeitar, mas para motivar a pensar de um modo diferente o corpo que somos. Eis um percalço aos pesquisadores!

